

## O Ensino da dança: reflexões para construção de uma pedagogia emancipatória<sup>1</sup>

Cristina Mayumi Velucci Shimizu<sup>2</sup>

Co-autores: Prof. Ms. Edson Marcelo Húngaro  
e Prof. Dr. José Luis Solazzi<sup>3</sup>

### Introdução

O presente estudo é uma tentativa de analisar as possibilidades de construção de uma pedagogia de cunho emancipatório para o ensino das Artes, mais especificamente para o ensino da Dança e explicitar quais seriam os seus pressupostos. Para tanto, fizemos, inicialmente, uma revisão bibliográfica sobre o tema das tendências pedagógicas tendo como principais referenciais as obras de Dermeval Saviani, Paulo Freire e George Snyders. Terminada tal revisão, passamos a estudar as possibilidades da Arte, mais especificamente da Dança, no processo de humanização dos sujeitos. Nessa etapa, diagnosticamos que os principais métodos de ensino da Dança pautam-se em técnicas extremamente conservadoras

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado para a sessão temática 14. Desporto, lazer e expressões culturais do VIII Congresso luso-afro-brasileiro de ciências sociais: “a questão social no novo milênio”, Coimbra, 2004.

<sup>2</sup>Acadêmica do curso de Educação Física da Universidade Municipal de São Caetano do Sul/ IMES e pesquisadora, em Iniciação Científica, do Observatório de Políticas Sociais de Esporte e Lazer do Grande ABC. O Observatório é fruto de uma parceria estabelecida entre a Universidade Municipal de São Caetano do Sul e a Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer – SNDEL – do Ministério do Esporte – MESP – do Governo brasileiro.

<sup>3</sup>Professores da Universidade Municipal de São Caetano do Sul e coordenadores do Observatório de Políticas Sociais de Esporte e Lazer do Grande ABC.

Endereço para correspondência com a autora: [criskinha@pop.com.br](mailto:criskinha@pop.com.br)

e que não fazem referência a qualquer outro objetivo que não seja o do ensino da técnica pela técnica. Constatamos, portanto, a necessidade de uma nova metodologia para o ensino da Dança que transcendesse os objetivos puramente técnicos. Uma nova metodologia que estivesse comprometida com o desenvolvimento do humano no humano e que, em referência à Saviani, estamos denominando de Emancipatória. Não terminamos, ainda, o nosso estudo e, portanto, a proposta dessa nova metodologia está em fase de desenvolvimento, porém temos já sistematizados alguns resultados que ora apresentamos.

Vale ressaltar que o estudo que ora apresentamos está vinculado ao Observatório de Políticas Sociais de Esporte, Lazer e Educação Física da região do Grande ABC. Este Observatório é fruto de uma parceria entre o Centro Universitário Municipal de São Caetano do Sul – o IMES – e a Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer/SNDEL do Ministério do Esporte Brasileiro – o MESP e tem por objetivos mapear e analisar criticamente as Políticas Sociais ligadas aos temas mencionados nessa importante região do Estado de São Paulo que é o ABC paulista. Claro está que, pela sua natureza temática – a Política Social – abriga perfeitamente um estudo sobre Educação como é o nosso.

### **Dança: uma arte a ser ensinada**

O primeiro passo para podermos pensar a dança como um valioso conteúdo educacional é tratá-la como um saber humano, como:

“o saber produzido historicamente, reconhecendo suas condições de produção, principais manifestações e atuais transformações. A conversão do saber objetivo em saber escolar, para que seja assimilável pelos alunos nos espaços e tempos escolares. E que não assimilem somente enquanto resultado, mas como processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação”. (SAVIANI, 1991).

E como saber sistematizado a ser ensinado na escola, a dança ocupa um lugar privilegiado em relação às outras artes, já que:

“A dança pode ser considerada a primeira manifestação do emocional humano. Antes da linguagem, antes da música, a necessidade de extravasar um sentimento fez o homem dançar. Com passos simples, movimento místico, dançou de alegria, de tristeza, de gratidão, dançou até para anunciar a guerra e descobriu, sem sua longa e difícil trajetória, que poderia dançar por prazer para ostentar sua riqueza e afirmar seu poder”. (ACHACAR, 1998: p.11)

Porque a cultura se encontra no centro de tantas discussões e debates, no presente momento? Em certo sentido, a cultura sempre foi importante. As ciências humanas e sociais há muito reconhecem isso. Nas humanidades, o estudo das linguagens, a literatura, as artes, as idéias filosóficas, os sistemas de crença morais e religiosos, constituíram o conteúdo fundamental, embora a idéia de que tudo isso compusesse um conjunto diferenciado de significados – uma cultura – não foi uma idéia tão comum como poderíamos supor. Nas ciências sociais, o que se considera diferenciador da “ação social” –

como um comportamento que é distinto daquele que é parte da programação genética, biológica ou instintiva – é que ela requer e é relevante para o significado. Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação.

Para perceber a Dança como uma arte e não simplesmente como uma simples movimentação organizada ou criativa, devemos observar seu surgimento, desenvolvimento, atual situação em que se encontra e suas possibilidades educacionais, pois:

Ela (a Dança) é uma forma de conhecimento, elemento essencial para a educação do ser social. A dança pode mobilizar e educar de uma outra forma, mais companheira e menos opressora como as diversas pedagogias que foram desenvolvidas ao longo da formação humana. (MARQUES, 1998)

A dança como qualquer manifestação cultural, dependendo de sua origem, usa linguagens diferentes. Assim como a folclórica retrata exclusivamente a história de um povo e a realidade de uma comunidade, outras como o ballet clássico e as danças modernas não conhecem fronteiras, são universais.

Para uma comparação com a estreita visão social das elites, cujas vidas foram positivamente transformadas por esses exemplos históricos, a importância das revoluções culturais do final deste século XX reside em sua escala e escopo globais, em sua amplitude de impacto, em seu caráter democrático e popular. A mídia encurta a velocidade com que as imagens viajam, as distâncias para reunir bens, a taxa de realização de lucros e até mesmo os intervalos entre os tempos de abertura das diferentes Bolsas de Valores ao redor do mundo. Estes são os novos “sistemas nervosos” que enredam numa teia sociedades com histórias distintas, diferentes modos de vida, em estágios diversos de desenvolvimento e situadas em diferentes fusos horários. É, especialmente, aqui, que as revoluções da cultura a nível global causam impacto sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão à vida, sobre suas aspirações para o futuro — sobre a “cultura” num sentido mais local.

Por isso, quando me refiro à Dança, procuro priorizar a dança como um processo acessível a qualquer grupo ou classe, elitizado ou não, amador ou profissional, construído ou representativo, enfim, como cultura popular de um povo, como repertório criado e criativamente reproduzido e como manifestação humana. O ser humano necessita de se relacionar, cultivar e aprimorar. A Dança é capaz de seduzir os indivíduos, devido as suas inúmeras quantidades e qualidades, dando oportunidade desses seres humanos se expressarem e com isso tornarem pessoas diferentes a cada instante, porque a cada estímulo nos tornamos outros, tendo em vista de que nunca mais seremos iguais ao que já fomos, pois conscientemente e inconscientemente somos transformados. Ainda nos deparamos com idéias de que “dança ajuda a relaxar”, “aliviar as tensões”, e que é bastante eficiente em conter a agressividade dos alunos na escola, tornado-os mais calmos e tranquilos, também sendo usada como distração e fuga da vida e dos problemas cotidianos, ou seja, a Dança seria importante para a resolução de algumas incompetências e até má formação de

professores na sala de aula. A escola, supostamente estaria usando a dança para atender outras disciplinas? Será que essas disciplinas não abrangem, ou atingem a objetiva deformação dos indivíduos? Onde estará o ponto de desdobramento necessário para este entendimento? Acredito que a escola:

[...] teria, assim, o papel não de “soltar” ou reproduzir, mas sim de instrumentalizar e de construir conhecimento em/ por meio da dança com seus alunos, pois, ela é forma de conhecimento, elemento essencial para a educação do ser social. (MARQUES, 2003,pp.23-24)

A Dança como arte foi se transformando nas relações da sociedade, como na formação da Sociedade Burguesa. Nesse período a arte era associada ao poder e ao misticismo, principalmente à religião e à política.

a clara hostilidade da sociedade burguesa a todo e qualquer forma de manifestação intelectual ou artística – ou seja, manifestação essencialmente humana que, como tal, se queira manter – que não se submeta, em conteste, ao modo de produção capitalista; que, de uma ou outra forma, negue-se a servi-lhe como mercadoria para produção de lucro. Só pode ser caracterizada como hostil, como adversa, uma relação em que uma das partes envolvidas impõe, sem possibilidade de diálogo, a sujeição concreta da outra como única forma possível para sua sobrevivência, tal como o capitalismo impõe às artes a submissão completa ao mercado, a transformação em mercadoria não apenas do fruto da produção – os objetos de arte - , mas também do próprio criador-produtor, transformando-o em assalariado, em mercadoria, força de trabalho. (PEIXOTO, 2003, p.23)

Se partirmos de como se deu a construção da Dança, podemos entender seu processo e perceber como por exemplo se dá a elitização do Ballet Clássico e sua dependência social. Ou seja, os artistas da época passam a ser meros profissionais da produção da mais-valia, tanto para grandes e médias corporações, nacionais ou multinacionais, sendo a única forma de sobrevivência desses artistas e intelectuais no sistema capitalista.

Entre os povos primitivos, a arte expressou-se na forma de práticas mágico-rituais e sua função esteve perfeitamente integrada à vida desses povos, não fazendo sentido falar de arte como um pólo contraposto ao público. Já nas civilizações antigas, as características da arte foram diferenciando-se: no Egito, existiam os artesãos populares e os artesãos da corte. Estes últimos eram pintores, escultores e arquitetos que trabalhavam exclusivamente para o faraó, os sacerdotes e os grandes proprietários de terras, um público restrito e poderoso. No ambiente da polis grega, as artes ditas manuais não gozavam do mesmo prestígio que a poesia, o teatro e a música, pois o espírito cívico não via com bons olhos o autoconhecimento. Resultou daí que os objetos de arte não eram cobiçados para posse pessoal: as obras de Fídias, por exemplo, visavam honrar os deuses, bem como embelezar a polis e evidenciar o seu poder. Já na Roma imperial, a posse de obra de arte, espólio das guerras de conquistas, tornou-se comum, na forma de coleção, entre as famílias das camadas dos pobres. [...] na Idade Média a relação artista – público pautaram-se pelos índices de riqueza e poder: no império de Bizâncio os mosaicos, mármore, a pintura e a escultura serviam tanto para o

engrandecimento da fé quanto para ornamentar o palácio real e as mansões dos cortesãos e comerciantes ricos. Sob o domínio da igreja, na Alta Idade Média, a coisa produção ficou confinada as oficinas de arte decorativa nos mosteiros, para, no movimento de renovação cultural denominado Renascimento Carolíngio, ganhar novamente os cortesãos como principal público. [...] é na Baixa Idade Média que se dá um grande desenvolvimento das artes como resultado da secularização da cultura, do florescimento das universidades junto as catedrais, do desenvolvimento do grande comércio e do início da formação da classe burguesa, a qual começa a ocupar a posição de consumidora de arte – sem bem que ainda em pouca escala -, pois as grandes encomendas continuam sendo feitas pela Igreja e pelo poder político. (PEIXOTO, 2003, pp.6-7)

Nesta citação podemos perceber um pouco do processo da arte, que historicamente se pautou de acordo com as manifestações da Sociedade, daí também a associação da dança com a Arte. Outro ponto que causa um certo receio, ou até um certo medo, é de se trabalhar o corpo, dançar seria pecaminoso. Por isso talvez retarda-lo em relação nas escolas. Embora não se tenha mais esse preconceito nos dias de hoje na escola, as gerações que não tiveram dança na escola muitas vezes não se consegue entender seu verdadeiro significado e sentido educacional, somente um entendimento intelectual de uma disciplina.

Toda essa exclusão social acompanhada de preconceito formou um público genuíno de arte, naturalmente a ser uma pequena elite culta. E para o grande público, uma imensidão de produtos da indústria cultural, gerando uma arte bem desenvolvida tecnologicamente, porém empobrecida esteticamente, sem qualidades humanas.

Nesse contexto social a arte seriamente produzida enquanto valor humano, e também como aquela produzida para abastecer o mercado da arte e influenciada com a mentalidade da novidade. Os modismos dificultam o discernimento da superficialidade e o real valor das obras, tanto pelos artistas como pelos críticos. A movimentação da dança ligada a outros aspectos envolvendo símbolos e significados para a interpretação do meio e do movimento torna mais claro o envolvimento de dança com a arte.

A relação entre o artista e seu próprio trabalho também mudou: enquanto, durante a idade Média, a igreja encomendava os trabalho e, em geral, impunha à obra padrões formais e simbólicos, no período clássico, a nobreza foi a principal mentora das artes, ditando-lhes os padrões estéticos. [...] na Idade Moderna, o novo modo de produção, ao se consolidar, deu o corpo a uma ideologia – o liberalismo – assentada na defesa do indivíduo, da propriedade privada e da liberdade, que passou a reger as relações entre as classes. Nesse contexto, o culto ao indivíduo reforçou, no artista, a pretensão à originalidade e liberdade para criar o que, sob a tutela da igreja e a nobreza, não postulava. Entretanto, isso não teria vida longa num sistema de mercado. (PEIXOTO, 2003, p.10)

Isso que se deu com a arte em geral, em cada período da história, causou nos artistas uma série de desconfortos e um comprometimento com sua liberdade e criatividade, pois ele foi obrigado a ignorar seu público para realizar-se. Com a dança se tem claramente o resultado desse processo atualmente, como a comercialização e o embelezamento articulado ao marketing do Capitalismo. E o enclausuramento de determinados estilos para sua conservação como arte. Com grande poder o capitalismo realizou essa dicotomia, da realização comercial e da realização verdadeiramente artística, como das inúmeras realizações da vida moderna, sempre com a preocupação do produto final. Longe do seu público o artista pode criar sua obra com toda a independência em seu isolamento.

A dança como arte também sofre resquícios dessa imposição feita na formação da sociedade burguesa, tendo até os dias de hoje padrões ainda mais fortes e impostos do que a realidade suporta.

Aprofundando mais essa relação podemos observar o marxismo contemporâneo apresentando suas diferentes interpretações quanto à função da arte, tendo um ponto comum como a concepção de homem e sociedade, impedindo uma visão equivocada de arte. São elas: arte como ideologia; arte como forma de conhecimento; arte como criação.

Na arte como ideologia, ela expressa a divisão social, em que o artista é outro indivíduo qualquer, ou seja, um ser social e historicamente datado e que sua posição ideológica exerce um certo papel na criação artística.

Como forma de conhecimento, a arte é tida como verdade, um meio de conhecimento, contraditória da arte com relação à sua natureza ideológica. Ela indica uma aproximação com a realidade, para captar suas características essenciais, sem dissociar o reflexo artístico do real.

Já como criação, a arte exerce um trabalho criador, que sem essa característica deixaria de ser arte. Ela não exclui suas outras formas, porém não se reduz a nenhuma delas. As interpretações e expressões humanas são consideradas por suas determinações sociais, históricas e culturais, como algo que a constitui. Nessa visão, a práxis artística tem como característica principal a criação. A obra, ou seja, o trabalho criativo é eminentemente humano.

Pela concepção Marxista, falar que a arte não é neutra é quase uma obviedade, pois os princípios que embasam a questão estética têm em comum a concepção de homem como construtor de si enquanto construtor da história e da sociedade pelo trabalho, ou seja, concebe-se a realidade como histórica e social, dando-se sua construção no movimento que o homem imprime à realidade. [...], portanto ao expressar o concreto social e histórico ou o ser social e histórico que a cria, necessária e igualmente, será datada. (PEIXOTO, 2003, pp.59-60)

A arte ao expressar o concreto social e histórico, representa o mais alto grau de consciência alcançado pelo homem como membro de classe, portanto as obras de arte não podem ser neutras em relação a essa sociedade.

Simplificando acredito que a função da arte é ser um meio de identificação, em que os indivíduos possam se relacionar tanto com a natureza e humanidade, que possa proporcionar condições de convivência e maneiras de ver, construir e compreender. Percebendo o mundo presente e também futuro, criando formas de domínio da natureza.

Analisando a personalidade do artista existem qualidades humanas essenciais para a criação da arte, assim como na dança, como a rapidez e perspicácia de percepção, a sensibilidade e a fantasia, constituindo a base da aptidão artística. A manipulação configura um momento importante também: é o movimento da técnica, que não deve ser separada do objeto, ela é responsável pelo seu em todos os aspectos; por isso na obra de arte, a técnica não é de modo algum mecanicista (Bakhtin, 1998, p. 55). A técnica não esgota a obra de arte, ela articula e organiza seu momento, ela não pode e não deve ser separada do estético.

Após essa introdução em que fica claro todo o percurso da arte na formação da sociedade que possuímos nos dias de hoje, podemos entender onde e como a dança foi parar e porque todo ranço que carregamos muitas vezes sem saber porque.

A crescente sociedade tecnológica vem em permanente transformação, obrigando um novo sentido de Dança nos dias de hoje, principalmente no sentido do que é

educação, formação, ensino e aprendizagem. Sem ignorar a escola que sempre menosprezou a dança e conseqüentemente a arte.

A dança é de domínio público, porem não há um aprofundamento do estudo desta em meio há tantas possibilidades de clareza e amplitude. Assim como a dança, a ciência da educação pertence a todos e essa compreensão – corporal e intelectual – vão muito além do ato de dançar. Acreditar que dançar se aprende dançando, é uma visão comum e simplória onde se deve ater correlacionado com múltiplos significados, relações, valores pessoais, culturais, políticos e sociais incorporados ao ensino de dança. “[...] o corpo que dança e o corpo na dança tornam-se fonte de conhecimento sistematizado e transformador.” (Marques, 2003, p. 25)

A dança é a arte em movimento e da expressão, onde a estética e a musicalidade prevalecem, é a necessidade natural e instintiva do homem de exaurir, pela movimentação, um estado emocional. Seja ela como ciência ou arte, apresenta um entendimento completo das possibilidades físicas do corpo humano, que permite exteriorizar um estado emocional libertador e seguido das leis naturais do ritmo, beleza corporal, precisão, coordenação, flexibilidade, tenacidade, imaginação e a expressão.

### **A importância da dança na educação**

A dança, como qualquer outro tipo de manifestação humana possui tanto seus benefícios quanto suas dificuldades para sua verdadeira e essencial vocação. Vou destacar alguns pontos em que a dança se relaciona com a sociedade e vive de constante crítica e de verdades não absolutas.

Acho que um dos principais pontos e de maior intensidade está a relação do corpo com a dança, onde os preconceitos e discriminações nos levam a intrigantes questões como: “quem pode dançar” e ainda “quem pode dançar o que”. Saber reconhecer que uma dança por exemplo discrimina idosos, não significa bloquear nossos pensamentos e não poder enxergar que mesmo assim podemos aprende-la.

Seguindo também na mesma linha tem a questão do gênero onde no Brasil por exemplo possui grande discriminação, pois relacionar-se com o corpo, sentir, emocionar-se, intuir, ter prazer são características humanas muitas vezes inaceitáveis em uma sociedade machista como a nossa. No processo criativo ainda é muito ligado à questão da efeminação como, por exemplo, o ballet clássico conseqüentemente associado à graça, leveza e delicadeza.

Outros dois aspectos também relacionados são a etnia e idade, onde as aparências das eternas juventudes e as constituições físicas de acordo com a descendência são bastante questionadas pela dança.

O trabalho com a dança no Ensino Fundamental, portanto, pode problematizar essas relações e contextualizá-la geográfica e historicamente, estudar a formação desses preconceitos e possibilitar que, por meio da dança, as relações entre etnias sejam de equidade e cooperação. As danças não são “naturais” de etnias alguma, mas essencialmente aprendidas em sociedade. (MARQUES, 2003, p.41)

A educação básica necessariamente passa pela prática das Artes; especificamente a Dança busca proporcionar ao aluno o desenvolvimento de uma visão mais crítica do

mundo, que não se resume apenas ao campo do intelecto; ao contrário, envolve o ser humano de uma maneira integralizada, tal como foi concebido, contribuindo de maneira decisiva para a formação de cidadãos mais críticos e participativos da sociedade em que vivem.

Diferentemente das tradicionais e já conhecidas técnicas, a Dança aplicada ao conteúdo escolar não pretende formar bailarinos; antes disso, consiste em proporcionar ao aluno um contato mais afetivo e intimista com a possibilidade de se expressar criativamente através do movimento, dando possibilidade de uma humanização frente aos problemas enfrentadas na sociedade.

Nesse sentido, a Dança se liberta de um academicismo que a torna inacessível à maioria das pessoas, mostrando que não se resume apenas ao aprendizado de técnicas e estilos (tais como ballet, jazz, etc.), pois que abrange um contexto mais elevado do que simples classificações como estas. Isto porque o ser humano dança por uma necessidade interior, muito mais próxima do campo subjetivo que do físico, e porque seus movimentos constituem formas de expressar os seus sentimentos: desejos, alegrias, pesares, gratidões.

É impossível dançar, sem que esteja presente a musicalidade e o ritmo, e estes dois elementos são de extrema atração para as crianças principalmente, chamando a atenção e assim a atraindo-as para perto.

Segundo Dalal Achcar, 8 itens acompanham o desenvolvimento da dança e seu enriquecimento para as qualidades humanas: a primeira é a Beleza onde além dos benefícios físicos, dão um belo porte, naturalidade, elegância e segurança nos movimentos. A Visão assim como os pintores e escultores, e acabam desenvolvendo a capacidade de perceber as formas e linhas, nas suas proporções harmônicas e equilibradas. Precisão na execução e controle pra fortalecer o equilíbrio interno. Coordenação, como saltos e equilíbrios chegam muitas vezes na sua capacidade máxima. Flexibilidade, como liberdade de movimentos, dentro de um controle muscular. Tenacidade, como a qualidade indispensável para a formação de um artista aliada aos atributos essenciais: estética e musicalidade. Imaginação, pois não existe arte sem imaginação, ela é uma tendência natural, mas pode ser trabalhada e desenvolvida por meio da música, da poesia, das lendas, da prosa, e ela é importantíssima para a complementar o artista. Expressão é a qualidade artística de maior importância não somente na dança, mas em todas as artes.

Por essas e outras qualidades que a dança se torna série e de extrema importância na formação humana de nossa sociedade.

Existem propostas de dança na escola que se apropriam do conhecimento produzido sobre ela no campo da arte, que podem ser utilizadas nas aulas de educação Física, fazendo-se necessário para tanto, que a dança estabeleça nexos de semelhanças e diferenças com os demais conteúdos tratados na disciplina.

Como os subtextos da dança, compostos pelos estudos de Laban e por elementos socioafetivos e culturais, também os textos da dança, com elementos de improvisação, composição e dos repertórios, como já vistos. E por fim, os contextos que buscam gerar a compreensão de que este conteúdo já esta inserido em um meio social e, portanto, exige o conhecimentos histórico, musical, cinesiológico, antropológico, anatômico, estético, da crítica de arte e da saúde.

Em linhas gerais, educação emancipatória, defendida aqui numa concepção não só de dança, mas como de formação humana, considerou apenas inicial, mas que na verdade subsume as idéias que discutimos até o momento, não é a modelagem de pessoas nem a

transmissão de conhecimentos sem mais, sendo, entretanto, a produção de uma consciência inerente ao funcionamento de uma democracia e de uma formação cultural que faça jus ao seu conceito. Não é à toa que a escola é citada como instituição para surdos-mudos, onde, a despeito até dos conteúdos programáticos como adestramento no uso da fala, a capacidade de as pessoas falarem umas com as outras tem se atrofiado devido à falta de experiências dignas de serem comunicadas, de liberdade de expressão, de relacionamento. O individualismo decorrente desta "vivência", em que só as relações instrumentalizadas são possíveis, é o correspondente da incapacidade de o indivíduo se humanizar. Pois, a experiência é uma idéia central, justamente porque ela já não se verifica na realidade.

### **Considerações finais**

Afirmo de acordo com as leituras a presença ativa da arte pela sua importância no processo da formação de pessoas, defendendo a dança como princípio da formação do ser humano, na perspectiva de constituir seres humanos com mais sensibilidade, criatividade e expressividade compatível para seu crescimento. Vejo a arte como uma promissora das capacidades dos seres humanos.

Acredito que através dessa educação emancipatória, ela potencializa não somente o pensamento lógico, mas a parte sensível do ser humano.

Assim a dança, entendida como a arte de expressão em movimento, destaca na educação a ótica da sensibilidade, da criatividade e da expressividade, como uma nova direção que se quer dar para a razão, a ética, a cultura, e a estética – pelo saber através do sentir, da intuição, e com o objetivo de uma vida melhor e mais digna para as pessoas. Almejamos uma educação que se afirme na sensibilidade, na vivência, no sentir com o outro e no sentir-se, de forma que a estética possa contribuir para o redimensionamento da percepção do ser humano como alternativa à racionalização e ao cientificismo, ao consumismo e a competição. (FIAMONCINI, 2002/2003, p.69).

Nesse contexto, a Dança trata do resgate da própria personalidade, do contato com o lado mais humano através da expressão artística: o indivíduo se expressa e se torna capaz através da Arte que produz e que lhe devolve toda a sua potencialidade de viver e de se realizar plenamente.

## **Referências Bibliográficas**

ACHCAR, Dalal – Balé: uma arte. Rio de Janeiro, 1998, Ediouro.

FREIRE, Paulo – Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e terra

MARQUES, Isabel A. – Ensino de dança hoje: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 2001

\_\_\_\_\_. Dançando na escola. São Paulo: Cortez, 2003.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann – Arte e Grande Público: a distância a ser extinta. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira – História da educação no Brasil (1930/1973). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

SAVIANI, Dermeval, 1944 – Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 8ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.